

Comtato – jornalismo interpretativo e realidade social¹

Erick Lopes de ALMEIDA²

Lais Taine de OLIVEIRA³

Heron Heloy COSTA⁴

Ossamu NONAKA⁵

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Provocar a mudança, mesmo que pequena ou a longo prazo. Essa era nossa meta. Uma comunicação com o público que, nota-se no próprio nome, visa uma abordagem diferente do que se vê todo dia, uma aproximação com tato. Composto de 22 reportagens, o jornal de edição única foi elaborado pelos estudantes do 2º ano de Jornalismo noturno da Universidade Estadual de Londrina – UEL em 2011 e é resultado de um planejamento editorial e gráfico pensado ao longo do ano, dentro e fora da disciplina a que servia. Pautamo-nos fora do *timing* e dos interesses comerciais que permeiam o atual jornalismo e, assim, superando nossas limitações técnicas e pessoais, apresentamos um produto que convida seu leitor a refletir. Porque sabemos que ninguém transforma a realidade da noite para o dia. Decidimos fazer aos poucos. Para ver se mudar o mundo passe a não ser tarefa tão difícil assim.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Impresso; Reportagem; Interpretativo.

1 INTRODUÇÃO

Todos os dias uma nova remessa de jornais impressos viaja o país, levando informação a todos que estiverem dispostos a dedicar alguns de seus minutos para folhear o exemplar. No entanto, o jornal impresso, ao mesmo tempo em que tem como característica a acessibilidade e a democratização da informação, também está submetido a interesses ideológicos e financeiros, que podem, muitas vezes, influenciar no conteúdo transmitido aos leitores, seja de forma direta e explícita ou nas entrelinhas do que é dito.

Ao pensar o “Comtato”, não havia como meta a venda do produto final (embora tenha sido distribuído gratuitamente em alguns locais públicos da cidade), a preocupação em fidelizar ou manter público e anunciantes, nem mesmo ideais políticos e ideológicos que

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade jornal impresso (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UEL, Erick Lopes de Almeida, email: erickldea@hotmail.com.

³ Aluno co-autor e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UEL, Lais Taine de Oliveira, email: laistaine@gmail.com.

⁴ Aluno co-autor e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UEL, Heron Heloy Costa, email: heron.heloy@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEL, Ossamu Nonaka, email: shoniefraukje@sercomtel.com.br.

guiasse o coletivo. Nosso jornal nasce e vive como um produto acadêmico, sem fins comerciais, o que permitiu aos alunos uma liberdade editorial que não se experimenta no meio profissional. O resultado impresso não deixa de ser um reflexo do que é, de fato, o grupo: distintos na singularidade e complementares em conjunto.

Através da proposta da disciplina a que pertencia, planejamos um jornal com tema e abordagem livre, que faria uso do jornalismo interpretativo e tinha como proposta estimular a mudança de quem o lesse, fugindo do suposto objetivismo diário, uma vez que a tarefa do jornalista “não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar” (KOTSCHO, 1989. p. 8). Procurávamos, então, estabelecer um contato com a população, tateando cada assunto com cuidado, afincado e tratamento único, a partir disso

cabem duas atitudes diametralmente opostas: o conformismo, a aceitação passiva de que as coisas são assim mesmo e nada é possível fazer, ou a luta pela permanente atualização, a busca obsessiva pela complementação de conhecimentos, de cultura ou de informação. É óbvio que só a segunda é correta (ROSSI, 1998. p. 47)

A escolha de nosso nome nasce, então, do objetivo primeiro: uma produção informativa sensorial e transformadora.

2 OBJETIVO

Como produto jornalístico, o “Comtato” buscava, primeiramente, informar. Porém, em nossa essência, almejávamos muito mais que uma simples transmissão de forma imposta, queríamos, também, provocar a reflexão e, conseqüentemente, uma reação, uma atitude. Em cada matéria, uma proposta de análise do mundo e de si mesmo, um convite à introspecção. Nelas, reunimos temas comuns, diferentes entre si e presentes na realidade dos leitores; temas complexos, desconhecidos, familiares, rotineiros ou até esquecidos. Trabalhamos em cima de cada um deles para que esse assunto seja também trabalhado no dia a dia de quem nos lesse, já que

O que realmente diferencia um jornal do outro – e, em conseqüência, um repórter de outro – é a sua capacidade de transformar os pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo em matérias boas de ler (KOTSCHO, 1989. p. 10).

Apesar da fuga do padrão mercadológico, como estudantes de jornalismo e seus princípios, não deixamos de lado a essência da profissão e procuramos, dentro de nossa proposta, oferecer reportagens consistentes, como define o Manual de Redação da Folha de São Paulo:

Reportagens tem por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser constatadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos relevantes. Para tanto, elas se valem de ganchos oriundos da realidade, acrescidos de uma hipótese de trabalho e de investigação jornalística (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 24).

3 JUSTIFICATIVA

Sendo um jornal de edição única e temas considerados “frios” pela classificação jornalística, teríamos um desafio ao começar esse projeto: por que a importância da circulação desse jornal, além do cumprimento do programa da disciplina? Ora,

[...] guerras, crises e mudanças na política econômica não faltarão jamais. Mas será que o leitor não tem direito também de, entre uma e outra desgraça, encontrar uma boa história, conhecer a vida de uma figura que não é político ou empresário, e que precisa de espaço para ser contada? Aliás, se o leitor fosse mais ouvido, tenho certeza que a noção do é importante mudaria um pouco nos nossos jornais (KOTSCHO, 1989. p. 18).

O próprio Manual de Redação da Folha de São Paulo defende que

[...] convém que ele [o jornalismo] seja reexaminado periodicamente, a fim de aferir se sua atividade está sendo capaz de projetar alguma luz para além da efervescência dos acontecimentos, se seus critérios estão sendo os melhores para franquear uma leitura ao mesmo tempo fidedigna, reveladora e útil, se não da realidade, ao menos da sua superfície diária (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 10).

E, se pensado em nosso objetivo, o da busca pela reflexão e transformação, devemos levar em conta que ele

[...] muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas (DUARTE, 2006. p. 63).

Tendo, pois, como princípio a incitação à transformação, fizemos de nossa proposta um experimento para um novo trabalho, buscando pelo que não se encontra nos jornais diários. Nosso contato com essa independência editorial que o meio acadêmico no proporciona, de desprendimento comercial, colaborou com essa formação, ao passo que nos libertou de textos cerceados, onde pudemos testar possibilidades, treinar nossa escrita e nossa ousadia, o que não nos impossibilita de poder escrever para algum veículo comercial, pelo contrário, preenche e expande nossa capacidade criativa, forjando nosso texto sutilmente e de forma eficiente.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A começar de nosso texto, desprendemo-nos do tradicional *lead*, defendido por precisar “sempre responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por que” (MARTINS, 1990. p. 42), embora algumas fontes mais recentes digam que “não existe, no entanto, um modelo para a redação do texto do lide. Nem pode ele ser realizado de maneira automática, com escrita burocrática.” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 28). Também deixamos de lado a objetividade jornalística, imprimindo nossa subjetividade nos parágrafos que escrevemos e assinando nossas matérias com as próprias mãos. Nossa proposta de texto se baseava na do jornalismo interpretativo, ao invés do tradicional informativo diário, mas, ainda que fizéssemos mudanças textuais, primamos sempre pela informação que passaríamos.

A transição de um texto estritamente informativo, tolhido por normas pouco flexíveis, para um outro padrão textual que admita um componente de análise e certa liberdade estilística é consequência da evolução que estamos procurando identificar. Trata-se, porém, de política a ser administrada com parcimônia e cautela, seja para que não se perca a base objetiva de informação, seja para que o leitor não fique à mercê dos caprichos da subjetividade de quem está ali para, antes de mais nada, informar com exatidão (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 15).

Visualmente, trabalhando com o formato tabloide de jornal, em preto e branco e composto por 22 matérias, sendo quatro delas espelhos e as outras com uma página individual cada. Nosso projeto gráfico foi pensado para agregar, de forma confortável, textos e demais conteúdos da página, a fim de proporcionar uma de leitura sem dificuldades

e visando, além da qualidade da informação impressa, um visual esteticamente agradável, até porque

Essa semiótica do espaço jornalístico está ao alcance dos consumidores da cultura visual e não deve ser julgada como um privilégio de jornalistas e profissionais que lidam com elementos imagéticos, como os publicitários. A edição deve levar em conta esse fato, para amadurecer seu trabalho, sofisticar permanentemente seus recursos e encontrar soluções que sejam mais adequadas e vibrantes para o leitor. Além disso, o editor precisa refletir sobre o conteúdo informativo das imagens e dos recursos de descrição (como legendas), bem como seus efeitos estéticos (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 35).

Um jornal coletivo pressupõe uma participação conjunta, sendo assim, organizamos em funções, com tarefas distribuídas em grupo e/ou direcionada para cada um.

Para a produção de cada matéria, os repórteres agiram individualmente, pautando-se, entrevistando suas fontes, fotografando e escrevendo. A instrução era: profundidade; uma abordagem diferente da tradicional, a partir do seu ângulo de visão, que possa incitar uma reflexão a respeito da realidade. A partir de então, cada um produziria seu primeiro texto, em dez mil caracteres, para votação em sala, onde seriam definidos os quatro espelhos. Os demais textos seriam redigidos em cinco mil caracteres.

Formamos, também, equipes que coordenariam a realização das tarefas conjuntas. Um grupo ficou responsável pelas imagens da edição, logo, cabia e eles separar as fotos publicáveis, tratá-las digitalmente em um programa de edição e estarem sempre em contato com os repórteres-fotógrafos, para que nada fosse imposto verticalmente. A equipe de edição auxiliaria nos cortes, organização e reescrita dos textos a serem adaptados. E, por fim, os diagramadores finalizariam o “Comtato”, aplicando o projeto gráfico desenvolvido por eles e aprovado pela sala. O repórter poderia, se quisesse, sugerir soluções de montagem para sua matéria e, após cada uma estar formatada separadamente, a equipe diagramadora fecharia o arquivo final do jornal para encaminhá-lo à gráfica, com todas as revisões acertadas e os ajustes devidamente aplicados.

O processo, entretanto, não terminou quando o jornal foi impresso. Partindo do princípio que somos estudantes, o *feedback* desse material se torna tão importante para nós quanto sua produção. Deste modo, cada aluno encarregou-se de distribuir exemplares para pessoas da área jornalística, da comunicação e/ou formadores de opinião da cidade, além das próprias fontes entrevistadas. Também foram entregues exemplares em pontos importantes de nosso convívio e pelo campus da universidade.

Estávamos cientes do quão importante era o planejamento para nossa produção. É ele que “propicia o domínio do tempo de trabalho, da prática jornalística e do material noticioso, evitando assim o imprevisto, a confusão, o erro e o mau acabamento da mercadoria-informação” (MANUAL DA REDAÇÃO, 2010. p. 19.).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Após todo o processo de discussão, planejamento, pesquisa, entrevistas, escrita, edição textual, visual e gráfica, estava pronto e impresso em nossas mãos o “Comtato”, jornal laboratório formato tabloide de edição única, produzido pelos alunos do 2º ano de Jornalismo noturno da UEL em 2011, orientado pelo professor Ossamu Nonaka, na disciplina 6NIC126 - Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística II e impresso pela gráfica da universidade. Um produto que superou nossas expectativas e que temos orgulho em apresentar.

Composto por 22 matérias, de repórteres que se diferem no pensamento, nas atitudes, na escrita e na maneira de unir isso tudo em palavras, o “Comtato” não se preocupa com a notícia ou o furo, mas todo o resto que circunda o fato, como é contado e como é recebido. Através do contato pessoal, somamos e somos somados, assim, transmitimos essa capacidade de mudança para o papel, sem receio que nossas emoções fossem também emprestadas pelas palavras, porque, na verdade,

Estes sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível – nem deve. [...] Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria (KOTSCHO, 1989. p. 32)

6 CONSIDERAÇÕES

Através do “Comtato”, pudemos fazer um jornalismo diferente. Pudemos sair da loucura e desespero impostos pelo curto *dead line* e experimentar novos formatos de textos fora do *lead* e do objetivismo. Tentamos. E falhamos. Mudamos de pauta. Mais de uma vez. Discordamos de nós mesmos e do grupo até que se estabelecesse a harmonia e só podemos finalizar esse trabalho com a qualidade atual porque soubemos crescer nos apoiando em cada parte, erro e acerto desse grande e complexo processo de produção. Pensando em toda

a transformação que visamos com esse projeto, sabemos que uma mudança ele já provocou: em nós mesmos, pois mexeu com a visão que nós, estudantes de Jornalismo da UEL, temos da relação entre informação e função social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2010.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.

ROSSI, Clovis. **O que é Jornalismo**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1998.